

FIGURAÇÕES DA LOUCURA NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO

FIGURATIONS OF THE MADNESS IN LIMA BARRETO'S FICTION

FIGURACIONES DE LA LOCURA EN LA FICCIÓN DE LIMA BARRETO

*Elizabeth Gonzaga de LIMA**

Resumo: O tema da loucura tem sido um fascinante mistério em diversos campos do conhecimento. Na literatura brasileira, autores como Machado de Assis e Lima Barreto, lançaram mão da insanidade como matéria-prima ficcional, porém denunciando com uma verve irônica e ácida o discurso científico brasileiro. Em vista disso, o trabalho examina as figurações da loucura na ficção de Lima Barreto a partir da trajetória de quatro personagens: o gramático Lobo, Policarpo Quaresma, Ismênia e Fernando.

Palavras-chave: Loucura; Figurações; Ficção de Lima Barreto.

Abstract: The theme of the madness has been a fascinating mystery in many fields of knowledge. In the Brazilian literature, authors such as Machado de Assis and Lima Barreto used the insanity as fictional feedstock, but denouncing with an ironic and acidic verve the Brazilian scientific discourse. In view of this, the paper examines the figurations of the madness in Lima Barreto's fiction from the trajectory of four characters: the grammarian Lobo, Policarpo Quaresma, Ismênia and Fernando.

Keywords: Madness; Figurations; Lima Barreto's Fiction of.

Resumen: El tema de la locura ha sido un fascinante misterio en distintos campos del conocimiento. En la Literatura brasileña, escritores como Machado de Assis y Lima Barreto, lanzase del hilo insano poseído, como materia basilar, de la ciencia ficticia, pero con un brío irónico y ácida para denunciar el discurso científico brasileño. Así, el trabajo examina cómo las figuraciones de la locura en la ciencia ficción de Lima

* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens/PPGEL/UNEB. Editora-chefe da Revista Tabuleiro de Letras, do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens/UNEB. Contato: profbethliteratura@gmail.com; eglima@uneb.br.

Barreto, que empieza por la trayectoria de cuatro personajes: el gramático Lobo, Policarpo Quaresma, Ismênia y Fernando.

Palabras clave: Locura; Figuraciones; Ficción de Lima Barreto.

O tema da loucura fascina escritores e leitores desde as epopeias homéricas, passando pelo Renascimento, quando alcançou fértil expressão em diversas áreas do conhecimento humano. É provável que a aura de mistério que sempre envolveu os acometidos pela alienação mental, devido ao desconhecimento em relação ao assunto, instaurasse a dúvida de que a loucura fosse realmente uma doença ou mesmo um outro sistema de pensamento. Em consequência disso, várias interpretações estimularam sua investigação, desde a ideia de que os indivíduos possuídos pela demência tinham parte com o sagrado, ou ainda de que mergulhavam numa outra dimensão do saber humano.

Na literatura brasileira, a temática da loucura ganha força, a partir do século XIX, com a ficção naturalista, cenário das teses experimentais e do cientificismo literário, importados com atraso da Europa. Apesar de raros estudos teóricos sobre as questões que envolviam o comportamento humano, os romancistas nacionais tentavam acertar o passo com os paradigmas da ficção de Zola. Em virtude desse panorama, a Ciência e o médico alienista consagraram-se através do Naturalismo como porta-vozes da verdade, ainda que no Brasil a psiquiatria fosse novidade, pois somente em 1881 criou-se a cadeira na Faculdade de Medicina (SÜSSEKIND, 1987).

Uma das preferências dos romances do período residia nos casos de histeria feminina, decorrentes do desequilíbrio pela interdição ao casamento. É possível, ao leitor mais atento, perceber o esforço literário de se patrocinar a conciliação entre a ideologia patriarcal e a voga do discurso científico. Tal procedimento, ao contrário de promover a adesão do país à modernização, serviu para instituir novos preconceitos e consolidar equívocos quanto ao desequilíbrio mental, ao mesmo tempo em que legitimava ao médico, via literatura, o poder de conceder a liberdade e a vida aos supostos dementados.

Em oposição aos seus contemporâneos, Machado de Assis demonstrou, em “Memórias póstumas de Brás Cubas” e “Quincas

Borba”, sua desconfiança quanto ao padrão de conduta instituído pela sociedade considerada normal. No entanto, é no “O Alienista”, que o escritor desconstrói com sua ironia aguda as certezas da Ciência, através da atuação do médico Simão Bacamarte em sua temida Casa Verde. O protagonista, de olho nos livros, e no comportamento da população, levava e retirava da reclusão os habitantes de Itaguaí, na mesma proporção com que seus pressupostos científicos se modificavam. Após internar no hospício quase todos os habitantes da cidade, ele mesmo se encarcera ao duvidar de sua própria sanidade. A ironia reside justamente nas atitudes de incerteza de quem, em tese, possuía a voz da certeza. Nesse jogo irônico, Machado demonstra a linha tênue que separa a suposta razão da provável desrazão.

Na ficção de Lima Barreto, objeto desta análise, a loucura também é um tema recorrente. O próprio autor experimentou os descaminhos da insanidade ao ser internado por quatro vezes. E em sua última reclusão, dezembro de 1919 a fevereiro de 1920, ele terminou por narrar sua experiência por meio de apontamentos cotidianos, convertidos no “Diário do hospício” e no romance inacabado “O cemitério dos vivos”, fruto do diário.

O que move as concepções ficcionais do autor de “Clara dos Anjos” voltadas para a temática da demência? Diante de tal reflexão, deve-se levar em consideração que o Naturalismo ainda permanecia em cena, e respondia à necessidade daquele momento de acertar o passo do Brasil com as novidades europeias no campo da Ciência. Além disso, tentava-se, pelo viés literário, legitimar o poder da Ciência e de seus representantes – os médicos – como forma também de conceber a modernização brasileira. Contudo na produção barretiana o tema é desenvolvido a partir de um horizonte de perspectiva contrário ao dos naturalistas. Primeiro, por sua conhecida verve irônica, que desferia severas críticas à realidade nacional, e segundo, pela observação lúcida frente aos empréstimos culturais e literários grotescos em relação à Europa realizados pela intelectualidade brasileira. Não se pode deixar de notar que outro provável motivo na recorrência dessa temática reside na interferência de um rastro biográfico do escritor, a repentina alienação mental do pai, que passou aterrorizá-lo e levá-lo a manifestar em sua produção literária o interesse pelo assunto. Como examinar a ficção de Lima Barreto é o

foco deste trabalho, optou-se pelo recorte analítico de quatro personagens diagnosticadas como insanas: o gramático Lobo, de “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, o major Quaresma e Ismênia, de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, e Fernando, do conto “Como o ‘homem’ chegou”.

No romance de estreia de Lima Barreto, “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, lançado em 1909, o protagonista Isaías Caminha narra suas aventuras e desventuras no Rio de Janeiro, após deixar sua província atrás do sonho de se tornar um doutor. Depois de sucessivas decepções, o mulato sonhador contenta-se em ocupar a vaga de contínuo no “O Globo”. Na redação passa a observar, em detalhes, o cotidiano dos jornalistas. Dentre eles, o gramático Lobo, responsável pela linguagem escrita da folha. Isaías apresenta-o como homem meticuloso, maníaco pela correção da língua e um tanto quanto pedante, mas sempre pronto a fornecer consultoria aos menos avisados das armadilhas gramaticais. A possibilidade apresentada pelo proprietário do jornal, Ricardo Loberant, de se retirar a correção gramatical do diário, para assim angariar mais leitores, provocou no gramático uma reação em defesa da eficácia da pureza gramatical e da sacralidade da língua como expressão da pátria. Há que se esclarecer que o idioma em questão era o luso, e não o brasileiro, cujo desprezo ele manifestara em conversa com Loberant:

- Brasileiro, doutor! Falou mansamente o gramático. Isto que se fala aqui não é língua, não é nada: é um vazadouro de imundícies. Se Frei Luís de Sousa ressuscitasse, não reconheceria a sua bela língua nessa amálgama, nessa mistura diabólica de galicismos, africanismos, indianismos, anglicismos, cacofonias, cacoténias, hiatos, colisões... Um inferno! Ah doutor! Não se esqueça disto: os romanos desapareceram, mas a sua língua ainda é estudada... (BARRETO, 1956a, p. 189).

O extremo zelo pela correção do idioma tornava-o uma espécie de maníaco pelo purismo linguístico. O narrador Isaías não disfarça sua antipatia pela figura de Lobo, classificando-o de “caturra”, ou seja, teimoso, sempre disposto a achar defeitos, a discutir, além de mostrar suas constantes oscilações de humor, que estavam ligadas à utilização da linguagem. Se bem humorado, traduzia provérbios de uma língua

para outra, se carrancudo, disparava imprecações aos enganados pelos sortilégios das regras:

- Que ignorante! Pois esta besta não escreveu – um dos que foram – isso se admite? Qual! Como é que saem batatas destas?! Estou desmoralizado... Todos sabem que tenho aqui a responsabilidade da língua... Que dirá João Ribeiro? O Said Ali? O Fausto? E o Rui, que dirá? Naturalmente vão acusar-me de ignorante (BARRETO, 1956a, p. 228).

Caso o autor do texto cometesse uma falta muito grave, o purista não perdoava, exigia a demissão do faltoso, exercendo assim a ditadura da gramática. Ao leitor cuidadoso, não causa estranheza que o final do romance reserve a tal maníaco a loucura, especialmente pelo quadro que o narrador já traçava da personagem ao longo da narrativa: arraigado a hábitos antigos, e obcecado por um objeto tão volátil quanto a língua.

Diante do descompasso entre o ideal linguístico de Lobo e o exercício cotidiano da língua, ele acaba por perder seu referente e em consequência disso seu equilíbrio mental. No hospício a mania modificara-se, não falava e nem queria ouvir, tapava os ouvidos, pedia tudo por gestos, e explicava ao médico o comportamento: “Isto não é língua... não posso ouvir... tudo errado... Que vai ser disto!” [...] “-Os erros são tantos, e estão em tantas bocas, que temo que eles me tenham invadido e eu fale esse calão indecente...” (BARRETO, 1956a, p. 280). O gramático insano tentava recuperar seu objeto perdido através da leitura de uma obra do século XV, “Ensynança de Bem cavalgar”, de El –Rei Dom Duarte. Às vezes era acometido por uma espécie de frenesi, e cheio de entusiasmo lia em voz alta: “Ca som alguus boos cavalgadores dherâs sellas queo nom son doutras” (BARRETO, 1956a, p. 280). Ao menor questionamento sobre qual idioma estaria falando, Lobo era acometido por ataques furiosos e partia para a agressão, confirmando assim sua condição de lunático.

Desde Aristóteles e Platão, a loucura é dividida basicamente em dois gêneros, a *mania* e a *melancolia*. Os filósofos da Antiguidade e, ao longo do tempo, diversos ramos da medicina, tentam explicar qual mecanismo desencadeia a demência humana. Segundo o estudioso Isaías Pessotti, na tradição hipocrática, “a loucura não era sequer uma

doença; era apenas um sintoma de desarranjos da economia humoral” (PESSOTTI, 2000, p. 17). Para Hipócrates, a classificação era simples: “A alteração do encéfalo ocorre pela ação da fleuma ou da bÍlis [...] os que enlouquecem pela fleuma são tranqÍlilo [...] enquanto os que enlouquecem pela bÍlis são gritalhÕes, perversos e não pacÍficos” (PESSOTTI, 2000, p. 20). De acordo com esse entendimento, a origem da alienação mental residiria mais num desequilÍbrio fÍsico do que propriamente numa desordem das idÉias.

Lima Barreto assistiu ao surto repentino do pai, e na ocasião ganhou do mÉdico o livro “O crime e a loucura”, do psiquiatra inglÊs Maudsley. A leitura da obra impressionou tanto o escritor, a ponto de influenciá-lo a desenvolver um decálogo de conduta para sua vida, e assim tentar escapar da insanidade. Diante de uma impressão tão intensa, do provável aproveitamento desses pressupostos em sua ficção (apesar de Lima Barreto não concordar com a visão determinista do psiquiatra), seria interessante conhecer a definição de Maudsley para a loucura: “perda ou desgoverno da razão ou pela perda do controle da vontade, ou seja, pela submissão, coercitiva, às paixÕes, ou aos instintos. Ou, genericamente, a loucura é distúrbio das idÉias ou dos afetos” (PESSOTTI, 2000, p. 107-8). Além dos motivos biográficos do romancista para ficcionalizar a demência, é provável que no plano de fundo, Lima Barreto lance mão do motivo para tratar da fragilidade mental e, a contrapelo, das expressões da inteligÉncia.

O tema do sábio acometido pela insanidade é antigo. Dentre as inúmeras obras, dois textos repercutiram ao longo dos séculos, especialmente pela sátira direcionada aos manÍacos por livros: “A nau dos loucos”, de Sebastian Brant, de 1494, que apresenta o desfile de diversos tipos de loucos, e dentre eles o intelectual, cuja demência residia em se enterrar nos livros e crer que eram mais preciosos do que o ouro; e no conhecido “Elogio da loucura”, de Erasmo de Roterdã, de 1509, no qual o autor reserva um lugar na roda de seus loucos para os gramáticos, poetas, retóricos e escritores.

Mas qual seria a razão de se atribuir confusão mental como forma de punição aos obcecados pelos estudos? Segundo Michel Foucault, a loucura seria:

o castigo de uma ciência desregrada e inútil. Se a loucura é a verdade do conhecimento, é porque este é insignificante, e em lugar de dirigir-

se ao grande livro da experiência, perde-se na poeira dos livros e nas discussões ociosas; a ciência acaba por desaguar na loucura pelo próprio excesso das falsas ciências (FOUCAULT, 1978, p. 24).

Se naquele contexto a loucura presente nas sátiras populares tornou-se a punição cômica do saber, o que leva Lima Barreto a condenar o gramático Lobo à demência furiosa? Um dos traços característicos do século de XIX no Brasil foi a importância atribuída à atividade intelectual como mola propulsora das mudanças sociais. O remédio para todos os males do país residia na ilustração, resultando assim numa supervalorização da figura do doutor. Ao homem das ideias era oferecido o poder de intervenção na sociedade daquele tempo, e os romances, de certo modo, compraram essa ideologia ilustrada, principalmente, os naturalistas, que adotaram uma linguagem cientificista e tornaram cada texto numa espécie de caso clínico acompanhado de receita.

No entanto, Lima Barreto escolhe a contramão desse discurso, e exagerando um pouco, adota a linha dos satíricos à Erasmo e Brant, principalmente por castigar os doutores no conjunto de sua obra, ora fustigando-os com a ridicularização, ora condenando-os à loucura. Em “Recordações do escrivão Isaías Caminha”, Lobo enlouquece ao se tornar vítima do descompasso entre o idioma que ele imaginava ideal, o português lusitano, e a realidade da língua brasileira. No século XVI, Erasmo de Rotterdam, em seu “Elogio da loucura”, dá voz à loucura e zomba da empáfia dos gramáticos pela aparência de sabedoria, que eles e outros homens de seu tempo ostentavam:

Entre esses, ocupam o primeiro posto os gramáticos, ou sejam, os pedantes. Essa espécie de homem seria decerto a mais miserável, a mais aflita, a mais malquista pelos deuses, se eu não tivesse o cuidado de mitigar os incômodos de tal profissão com gêneros especiais de loucura (ERASMO, 1972, p. 92).

É provável que Lima Barreto pretendesse castigar Lobo mais pelo pedantismo e tirania ilustrada, do que propriamente pelo zelo com o estudo da língua. Esse procedimento na ficção do romancista reduplica, de certa maneira, sua aversão pela retórica pomposa em relação à literatura do período, manifestada desde o início de sua

carreira. A militância empreendida, pela simplicidade na linguagem, tornou-se uma luta constante, porém, suas armas principais também não deixavam de ser retóricas – a ironia e a sátira.

Outro leitor contumaz que não resiste à perda de seus referenciais ilustrados e envereda pela trilha da insanidade é o protagonista de “Triste fim de Policarpo Quaresma”. Entretanto, ao contrário de Lobo, que não contava com a simpatia do narrador Isaías, Policarpo é construído na ambivalência da narração, entre lúcido e frenético, trágico e cômico. Contudo o que permanece na memória dos leitores desde seu aparecimento, em 1911, é a ingenuidade com que ele sai a campo tentando comprovar a verdade dos livros, e assim reformar a realidade brasileira.

Em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, a trajetória de Policarpo rumo à insanidade é paralela, porém assimétrica à de Ismênia, outra vítima da demência. Os dois personagens são acometidos por uma idéia fixa que os acompanha ao longo da narrativa, porém a adesão e mesmo a reação aos seus referentes são opostas. O romance inicia no momento em que o pseudo-major, após trinta anos mergulhado em leituras para compreender o Brasil, resolve partir para a ação e reformar a realidade, baseando-se na imagem de uma nação ideal urdida nos poemas românticos e relatos históricos. E na direção dessa apologia, Policarpo, entusiasmado patriota, não mede as conseqüências de suas ações, como por exemplo, impedir a irmã de utilizar *petit pois* na comida por ser estrangeiro. Na fala de Adelaide pode-se encontrar o diagnóstico do distúrbio do major: “É uma mania de seu amigo, senhor Ricardo, esta de só querer cousas nacionais...” (BARRETO, 1956b, p. 38) Ismênia, por sua vez, representante fiel da situação da mulher daquele período, noiva há cinco anos ansiava pelo casamento. A pergunta “Então quando se casa, Dona Ismênia?”, que lhe dirigiam com insistência, aumentava ainda mais sua ansiedade. Apesar do clima de expectativa, a moça não demonstrava entusiasmo, como se cumprisse o destino traçado para a sua existência. E o narrador já apontava seu sentimento “... a menina foi se convencendo de que, toda a existência só tendia para o casamento. A instrução, as satisfações íntimas, a alegria, tudo isso era inútil, a vida se resumia numa cousa; casar” (BARRETO, 1956b, p. 63).

O romance é dividido estruturalmente em três partes, que correspondem aos objetivos do protagonista e suas aventuras e desventuras para tentar conquistá-los. São três momentos relacionados também às oscilações emocionais de Quaresma, respostas imediatas às decepções proporcionadas pelas seguidas perdas das imagens do Brasil ideal. O primeiro objeto de busca de Policarpo é a origem da cultura brasileira; e para isso ele não mede esforços: aprende violão, organiza festas com manifestações folclóricas e inicia o aprendizado do tupi-guarani. Essas atividades eram exercidas, segundo o narrador, com “afinco e paixão”, o que corresponde à fase da *mania*, devido à ideia fixa, ao entusiasmo exagerado.

Aos poucos, Policarpo se depara com a realidade de seus sonhos: a modinha e o violão eram estrangeiros, assim como algumas danças folclóricas. O requerimento solicitando que o tupi-guarani se tornasse a língua oficial do Brasil se converteu em chacota na repartição, nos jornais, revoltando seus superiores e terminando por levá-lo ao hospício, circunstância que o joga na melancolia. E é dessa maneira que Olga, sua afilhada, o encontra: “triste e absorvido no seu sonho e na sua mania” (BARRETO, 1956b, p. 95).

Da ideia fixa e frustrada de reformar a cultura brasileira, Quaresma encontra uma outra obsessão – reformar a agricultura. Investindo recursos e energia, compra um sítio, adquire uma biblioteca agrícola, instrumentos e passa a trabalhar cheio de disposição. Porém, na terra “em que se plantando tudo dá”, conforme as leituras do major, ele é surpreendido pelos impostos da municipalidade, pelas formigas e pelas pragas que devastam suas plantações. O desânimo retorna, e Policarpo vive um pequeno momento de sensatez ao avaliar suas ações passadas: “Quaresma veio recordar-se do seu tupi, do seu *folk-lore*, das modinhas, das suas tentativas agrícolas – tudo isso lhe pareceu insignificante, pueril, infantil” (BARRETO, 1956b, p. 184). No entanto, longe de desistir, e no auge da desilusão, ele encontra a saída em uma nova obsessão:

Era preciso trabalhos maiores, mais profundos; tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, reputado, inteligente, removendo todos os óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levando o cultivador...

Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz (BARRETO, 1956b, p. 184-5).

Em sua “História da loucura”, Foucault apresenta o estudo do médico Willis, que contrapôs as formas da *mania* e da *melancolia*: “O espírito melancólico é inteiramente ocupado pela reflexão, de modo que a imaginação permanece em repouso e em estado de lazer. No maníaco, pelo contrário, fantasia e imaginação vêm-se ocupadas por um eterno fluxo de pensamento impetuosos” (FOUCAULT, 1978, p. 269). Pensamentos impetuosos não faltavam ao major quando a *mania* se instalava, tanto assim, que o novo trajeto de seu sonho – lutar em defesa da República e em prol de uma reforma administrativa – iniciasse com uma ação ousada, enviando um telégrafo ao Presidente: “Marechal Floriano, Rio. Peço energia. Sigo já. – Quaresma” (BARRETO, 1956b, p. 185).

Na última e fatal tentativa de reforma de Policarpo, as figuras republicanas antes tão admiradas por ele, perdem o brilho e se tornam medíocres, como Floriano Peixoto: “Era vulgar e desoladora. O bigode caído; o lábio inferior pendente e mole a que se agarrava uma grande ‘mosca’; os traços flácidos e grosseiros; não havia nem o desenho do queixo ou olhar que fosse próprio, que revelasse algum dote superior” (BARRETO, 1956b, p. 208-9).

O leitor que conhece o conjunto da produção de Lima Barreto compreende logo a razão do desprezo manifestado pelo narrador. Reiteradas vezes, o romancista demonstrou seu desapeço pela República, devido especialmente ao avanço da corrupção e do arrivismo, ocorridos desde a proclamação, além das manifestações de tirania militar.

O engajamento de Policarpo em prol da República com o passar dos dias começa a arrefecer, após perceber o espírito bélico e violento que envolvia as ações governistas. A partir disso, seu processo melancólico recomeça:

Não encontrara Sully e muito menos o Henrique IV. Sentia também que o seu pensamento motriz não residia em nenhuma das pessoas que encontrara. Todos vinham vindo ou com pueris pensamentos políticos, ou por interesse; nada de superior os animava. Mesmo entre os moços, que eram muitos, se não havia baixo interesse, existia uma

adoração fetichica pela forma republicana, um exagero das virtudes dela, um pendor para o despotismo que os seus estudos e meditações não podiam achar justos. Era grande a sua desilusão (BARRETO, 1956b, p. 278-9).

E por um lance de política militar, Policarpo passa de aliado a prisioneiro. Na masmorra o processo de reconhecimento de sua condição, e de sua vida, leva-o à angústia: “como acabarei? Como acabarei? [...] iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que ele tinha feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade” (BARRETO, 1956b, p. 284).

E nesse *triste fim*, Policarpo fecha seu ciclo maníaco-depressivo, ou seja, a alternância mania-melancolia (estado descoberto por Willis, segundo Foucault). O romance opta pelo vazio, pela lacuna de não narrar sua morte, deixando ao leitor esta tarefa, sobretudo para que ele possa refletir acerca da razão de se criar um herói, cuja tônica de existência oscilava entre a quimera e o fracasso, devido sua crença incondicional nas letras e nos mitos nacionais. É possível que Lima Barreto nessa criação responda, ironicamente, ao discurso ilustrado positivista e estéril do Brasil da Primeira República, que tentava aos moldes europeus instalar a *ordem e o progresso* na caótica realidade brasileira.

Paralela à trajetória de Policarpo, Ismênia passa igualmente por três fases, porém relacionadas ao casamento desfeito e suas conseqüências. Em um contexto, no qual a identidade da mulher estava ligada ao estado civil, seu primeiro momento na narrativa é a intensa expectativa criada pela sociedade em torno do possível casamento: “casar, para ela, não era negócio de paixão, nem se inseria no sentimento ou nos sentidos: era uma ideia, uma pura ideia” (BARRETO, 1956b, p. 62). O narrador não poupa críticas à natureza da jovem, além de colocar a nu, sua fleuma e a tendência à mania: “De natureza, muito pobre, sem capacidade para sentir qualquer coisa profunda e intensamente, sem quantidade emocional para a paixão ou para um grande afeto, na sua inteligência a ideia de ‘casar-se’ incrustou-se teimosamente como uma obsessão” (BARRETO, 1956b, p. 63). A segunda fase da jovem sonhadora corresponde à perda de seu objeto e sua conseqüente frustração. O drama de Ismênia inicia com a

viagem de seu noivo para o interior. A falta de notícias de Cavalcanti após quatro meses de sua partida emoldura em seu horizonte uma outra obsessão – não casar – e com isso, sorrateiramente, a melancolia entra em cena: “Sem hábito de leitura e de conversa, sem atividade doméstica qualquer, ela passava os dias deitada, sentada, a girar em torno de um mesmo pensamento: não casar. Era-lhe doce chorar” (BARRETO, 1956b, p. 109-10).

O quadro melancólico da filha do general Albernaz, traçado pelo narrador, acentua sua fragilidade mental e emocional, levando-o sutilmente a antecipar o destino da noiva abandonada. Ricardo Coração dos Outros e Ismênia visitam Dona Adelaide, e o violeiro num descuido esbarra num *bibelot*, “que veio atirar ao chão uma figurinha de *biscuit*, que se esfacelou em inúmeros fragmentos, quase sem ruído” (BARRETO, 1956b, p. 111). Tal episódio passa despercebido numa leitura rápida, mas ao leitor atento, é notória a agudeza da construção do romance, pois a quebra casual do *biscuit* ganha dimensões trágicas nas páginas seguintes, como se metaforizasse o dilaceramento existencial da moça.

Na última e terceira fase, Ismênia mergulha na atonia, quando a melancolia se aprofunda, e a personagem caminha para seu fim. O general Albernaz, diante do sofrimento da filha recorreu aos médicos, ao espiritismo, à feitiçaria, sem encontrar solução. A loucura da jovem é descrita pela narrativa como “mansa” e “infantil”: “passa dias inteiros calada, a um canto, olhando estupidamente tudo, com um olhar morto de estátua” (BARRETO, 1956b, p. 217). Flora Süssekind, em “Tal Brasil, qual romance?” aponta a tendência do romance naturalista de condenar as mulheres de casamento frustrado à loucura, como Magdá, de “O homem”. O único destino que lhes cabia, ou era a camisa de força ou o hospício. Apesar de ser possível constatar a presença desse traço em “Triste fim de Policarpo Quaresma”, o tratamento dado pelo romancista é bem diverso. Ismênia não é possuída por crises histéricas, mas antes por uma melancolia doce e pungente quando percebe a chegada da morte. Oscilando entre a vigília lunática e alguns instantes de lucidez, ela recorda a sentença da cartomante que a empurrou para o quadro maníaco-depressivo:

não volta! Aquilo doeu-lhe... Que mulher má! Desde esse dia... Ah!...
Acabou de abotoar a saia em cima do corpinho, pois não encontrara

colete; e foi ao espelho. Viu os seus ombros nus, o seu colo muito branco... Surpreendeu-se. Era dela aquilo tudo? Apalpou-se um pouco e depois colocou a coroa. O véu afagou-lhe as espáduas carinhosamente, como um adejo de borboleta. Teve um fraqueza, uma cousa, deu um ai e caiu de costas na cama, com as pernas para fora... Quando vieram ver, estava morta. Tinha ainda a coroa na cabeça e um seio, muito branco e redondo, saltava-lhe do corpinho (BARRETO, 1956b, 258-9).

Pode-se observar que Policarpo e Ismênia têm as respectivas trajetórias marcadas pelo pêndulo da ilusão/desilusão. Esses personagens e suas trágicas existências, vitimados pela ideia fixa na pátria e no casamento, ilustram o perigo da fé cega em instituições abstratas, que se tornam, paradoxalmente, em motivo de vida e consequência de morte.

No conto “Como o ‘homem’ chegou”, o absurdo domina a cena. O consórcio entre a polícia e a medicina, leva o doutor Barrado a empreender uma insólita viagem a fim de buscar um suposto louco em Manaus. A tônica da narração gira em torno dos descabimentos sucessivos levados a cabo em prol de tal missão.

Lima Barreto em mais de uma ocasião demonstrou seu apreço pelas manifestações da inteligência humana, por acreditar que somente através dela os homens poderiam se compreender mutuamente. Porém adota um procedimento reverso, povoa sua ficção de desinformados, ignorantes e falsos sábios, desvelando seu objetivo irônico. Neste conto, especialmente, há uma intensificação da escolha. De um lugarejo não identificado no Rio de Janeiro, mas descrito como ordeiro, pacato, sem comércio, sem indústria, sem roubos e nem vagabundos, parte a resolução da ida a Manaus. Os policiais que receberam a denúncia, entre a desinformação e a ignorância geográfica, entendiam que seria uma viagem curta, pois no mapa a distância era coisa de um palmo e meio. Ao embarcarem a carroça de ferro construída especialmente para a estranha missão, os soldados ficam em dúvida se os animais que a puxariam ficariam em cima ou no andar de baixo do navio. Doutor Sili, mentor e consultor da caravana instrui: “Burros sempre em cima” (BARRETO, 1980, p. 90). É possível observar o duplo sentido nesta sentença, dentre outras apresentadas pela narrativa, certamente que esse artifício do escritor

tinha como o objetivo atingir pelo ridículo os falsos sábios. O autor através de seu narrador opta, a partir daí, por um jogo irônico envolvendo as instruções do doutor Sili e a compreensão dos condutores do cortejo.

O desconhecimento da polícia e dos “doutores” em relação ao possível dementado leva-os a despersonalizá-lo, denominando-o de “homem”, “sujeito”, “o louco de Manaus”. Em oposição a esses rótulos, o narrador apresenta-o de maneira simpática, como Fernando, um cidadão pacato, que havia sido acometido por uma mania inocente, a Astronomia, e por ela abandonara “quase totalmente a terra pelo inacessível céu” (BARRETO, 1980, p. 88). A obsessão pelo céu leva Fernando aos estudos de cálculo, matemática, “com afinco e fúria de um doido ou de um gênio” (BARRETO, 1980, p. 88), comportamento que o aproxima de Policarpo Quaresma. A disseminação da fama de insano de Fernando é apresentada como uma conspiração dos “sábios” da cidade: o poeta Machino, o jornalista Cosmético e o “antropologista” Tucolas.

Após chegar em Manaus, doutor Barrado, o responsável pela expedição tenta arregimentar uma companhia de soldados, capangas, e até convocar a artilharia para prender o “sujeito”, porém sem obter sucesso. Depois de conversar por algum tempo num bar da cidade com um dos consumidores, descobre no interlocutor o “lunático” procurado, e o encarcera na masmorra ambulante.

A insólita caravana inicia seu trajeto rumo ao Rio de Janeiro, por terra, segundo ordens do doutor Sili, pois imaginavam que em um dia e meio chegariam ao destino. A insensata expedição tinha como guias, o pesquisador Tucolas, que via a possibilidade de empreender durante a viagem uma pesquisa antropológica, e o doutor Barrado, discípulo de Padre Vieira, obcecado pelas regras de colocação dos pronomes, o que retoma outro maníaco da galeria dos insanos – o gramático Lobo.

A caixa-forte seguia por “vendas paradas, quase isoladas dos caminhos desertos” (BARRETO, 1980, p. 92), onde o preso era recebido com vaia “ó maluco! Ó maluco!”. Tal circunstância remete à composição literária, “Nau dos loucos”, que satirizava o tema mítico do ciclo dos argonautas. Ao contrário de carregar heróis, essas embarcações que supostamente navegavam pela Europa,

transportavam os loucos escorraçados das cidades. Segundo Foucault, “Esse costume era frequente particularmente na Alemanha: em Nuremberg, durante a primeira metade do século XV, registrou-se a presença de 62 loucos, 31 dos quais foram escorraçados” (FOUCAULT, 1978, p. 9). O conto, de certa maneira, reduplica a ignorância medieval tanto de autoridades quanto da população. Enquanto esta amedrontada com o desconhecido lança mão da zombaria como mecanismo de defesa, aquela utiliza a tirania para defender-se e afirmar seu poder.

Na recorrência do texto ao artifício do jogo irônico, devido à confusa troca dos telegramas, os condutores do “carrião” ficam na dúvida se um doente mental daquele tipo se alimentava. Depois de consulta ao doutor Sili, este determina “que não era do regulamento retirar aquela espécie de enfermo do carro, o ‘ar’ sempre lhes fazia mal” (BARRETO, 1980, p. 93). O encontro entre a ignorância e o abuso do poder comanda a fatídica caminhada rumo ao Rio de Janeiro, abandonando o prisioneiro à própria sorte dentro da cela de ferro. Durante esse tempo as peripécias mais diversas ocorreram: foram atacados por jacarés, um dos animais que conduziam o preso se feriu, mas apesar de manco continuou obstinadamente seguindo a caravana da insanidade. Situações que proporcionam à narrativa uma das cenas mais grotescas, e costurada por uma surpreendente inversão - a demência dos condutores:

Assim levaram meses andando com o burro aleijado a manquejar atrás do ergástulo ambulante, olhando-o docemente, cheio de piedade impotente.

Os urubus crocitavam por sobre a caravana, estreitavam o vôo, desciam mais, mais, mais, até quase debicar no carro forte. Barrado punha-se furioso a enxotá-los a pedradas. Tucolas imaginava aparelhos para examinar a caixa craniana das ostras de que andava à caça; o cocheiro obedecia. [...]

Aos poucos os urubus se despediram; e, fim de quatro anos, o carrião entrou pelo Rio adentro a roncar pelas calçadas, chocalhando duramente as ferragens, com seu manco e compassivo burro a manquejar-lhe à sirga (BARRETO, 1980, p. 94-5).

Fernando, ao longo da narrativa, além de encarcerado é condenado ao silêncio. De certa maneira, o texto reproduz a situação a

que os dementes eram submetidos, além de perderem o controle sobre o próprio corpo, eram destituídos de seus direitos mais básicos como o de ser ouvido e à liberdade. Tal vazão, expresso no conto, possibilita ao leitor a busca de sentidos para preencher a lacuna encontrada na parelha exclusão/reclusão apresentada pelo texto.

Ao fim da viagem, num toque de ironia macabra, o “homem” é levado ao necrotério para ser examinado - destino fatal, tecido pela desinformação, ignorância dos doutores e violência policial. Não se pode deixar de recordar que quem conduzia a odisséia da mítica e tenebrosa “Nau dos loucos” era a fatalidade, ou seja, os loucos eram entregues à própria sorte, e segundo Foucault, “cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega e desembarca” (FOUCAULT, 1978, p. 12).

Este conto instaura o questionamento: seria a narrativa uma espécie de alegoria autobiográfica? Tal como Fernando, Lima Barreto experimentou ser levado ao hospício pelas mãos da polícia e trancafiado numa espécie de jaula de ferro medieval. A reelaboração ficcional dessa violência poderia ser uma forma encontrada pelo romancista de demonstrar, via linguagem, a ambígua e frágil linha divisória entre a sabedoria e a loucura, além de acertar em cheio a sociedade com sua ignorância e mediocridade diante do desconhecido.

Mas é nessa galeria de insanos, na qual se misturam sábios e loucos, maníacos e melancólicos, que o autor demonstra a impossibilidade de se desvendar, de maneira simplista, a insondável e labiríntica loucura.

Referências

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

_____. Como o “homem” chegou. In: PRADO, Antônio Arnoni (Org.). *Lima Barreto* (seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios). São Paulo: Abril Educação, 1980. p. 78-95.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio da loucura*. Tradução de Paulo M. Oliveira. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os pensadores).

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PESSOTTI, Isaías. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 2000.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1987.

Recebido em 30/01/2014

Aceito em 05/02/2014

